****

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação inicial**

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos reconcilia com o Pai, pela ação do Espírito Santo, esteja sempre convosco.

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

**Monição inicial**

P. *Alegra-te, ó Jerusalém.* Alegrai-vos, irmãos. Alegrai-vos cristãos. Rejubilai todos. Este é o Domingo “*laetare*”, este é o domingo da alegria. A cor roxa do tempo da Quaresma dá lugar aos mais festivos tons cor-de-rosa, para sinalizar a alegria da Páscoa que se aproxima. É a alegria da conversão, do perdão, da reconciliação, da vida nova, cada vez que celebramos o Sacramento da Reconciliação. É a alegria pascal do Domingo, dia do Senhor. Em cada domingo, mesmo na Quaresma, celebramos a Páscoa semanal de Jesus, o Filho do Eterno Pai, *Aquele que estava morto e voltou à vida*. E fazemo-lo, participando com alegria nesta mesa familiar, nesta mesa da Eucaristia.

**Ato penitencial**

P. Deixemo-nos encontrar pelo Senhor e transformar pela Sua misericórdia.

P. Vós sois o Pão do nosso caminho para a Páscoa, Senhor, misericórdia!

R. Senhor, misericórdia! (ou *Kyrie, eleison!*)

P. Vós destruís o nosso pecado e atribuis-nos a Vossa justiça, Cristo, misericórdia! (ou *Christe, eleison!*) R. Cristo, misericórdia!

P. Vós reconduzis-nos à casa do Pai e ao abraço da reconciliação, Senhor, misericórdia! R. Senhor, misericórdia! (ou *Kyrie, eleison!*)

**Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

**Monição |** Para as missas com catequese

**Monitor:** Uma vez que é tão longa, como bela, a parábola que iremos escutar, hoje a nossa Liturgia da Palavra renuncia à proclamação da primeira leitura, do salmo e da 2.ª leitura.Vamos escutar apenas a proclamação do Evangelho.É maravilhoso ouvir Jesus falar-nos do Pai e do modo como este Pai se porta e comporta connosco. É uma das mais belas parábolas de Jesus. Escutemo-la com toda a atenção do coração.

**Aclamação ao Evangelho**

**Proclamação do Evangelho pelo Presidente, Diácono e dois leitores**

**Diácono (Narrador)**

Naquele tempo, os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem. Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si: «Este homem acolhe os pecadores e come com eles». Jesus disse-lhes então a seguinte parábola:

[Pausa / Mudança de tom]

«Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai:

**Leitor 1 (Filho mais novo):**

Pai, dá-me a parte da herança que me toca.

**Diácono (Narrador)**

O Pai repartiu os bens pelos filhos. Logo depois, o filho mais novo, na posse da sua herança, partiu para um país distante e por lá esbanjou quanto possuía, numa vida dissoluta! Tendo gasto tudo, houve uma grande fome naquela região e ele começou a passar privações. Entrou então ao serviço de um dos habitantes daquela terra, que o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então, caindo em si, disse:

**Leitor 1 (Filho mais novo):**

Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância,

e eu aqui a morrer de fome!

Vou-me embora,

vou ter com meu pai e dizer-lhe:

*‘Pai, pequei contra o céu e contra ti.*

*Já não mereço ser chamado teu filho,*

*mas trata-me como um dos teus trabalhadores'*.

**Diácono (Narrador)**

Pôs-se a caminho e foi ter com o Pai.Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:encheu-se de compaixão e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.

Disse-lhe o filho mais novo:

**Leitor 1 (Filho mais novo):**

'Pai, pequei contra o céu e contra ti.

Já não mereço ser chamado teu filho'.

**Diácono (Narrador)**

Mas o pai disse aos servos:

**Pároco (Pai)**

Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha.Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés.Trazei o vitelo gordo e matai-o.Comamos e festejemos, porque este meu filho estava morto e voltou à vida,estava perdido e foi reencontrado.

**Diácono (Narrador)**

E começou a festa.

[Pausa / Mudança de tom]

Ora o filho mais velho estava no campo.Quando regressou,ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. O servo respondeu-lhe: “O teu irmão voltou e teu pai mandou matar o vitelo gordo, porque ele chegou são e salvo”. Ele ficou ressentido e não queria entrar. Então o pai veio cá fora instar com ele. Mas ele respondeu ao Pai:

**Leitor 2 (Filho mais velho):**

Há tantos anos que eu te sirvo,

sem nunca transgredir uma ordem tua,

e nunca me deste um cabrito

para fazer uma festa com os meus amigos.

E agora, quando chegou esse teu filho,

que consumiu os teus bens com mulheres de má vida,

mataste-lhe o vitelo gordo.

**Diácono (Narrador)**

Disse-lhe o Pai:

**Pároco (Pai)**

Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado.

**Diácono:**

Palavra da Salvação

R. Glória a Vós, Senhor.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2022**

1. Esta parábola é como uma belíssima pintura, que a gente tem medo de tocar, mexer e estragar. Cada vez que a escutamos, ela desperta novas ressonâncias, novas vibrações, novas interpelações. Ora a primeira forma de *estragar* este magnífico retrato do Pai, é chamar *nomes feios* a esta parábola, tal como, por exemplo, reduzindo-a *à parábola do filho pródigo*. Na verdade, é o coração do pai, esse sim, pródigo e perdido de amor, que está no centro das atenções. E não é a história de um filho mais novo perdido ou de um filho mais velho ressentido.

2. Mais novo ou mais velho, perdendo a cabeça ou perdendo o coração, ambos os filhos estão muito longe de conhecer e de reconhecer o amor do Pai. E aqui a distância não se mede a metro. O mais novo partiu para um país distante… para se libertar do pai e está a léguas de casa. E até quando pensa regressar a Casa, propõe-se ser apenas mais *um dos trabalhadores*, na esperança da boa vontade do patrão, para o admitir ao serviço. Este mais novo não se sente filho, nem espera encontrar o abraço do pai. Será o olhar compassivo e o abraço misericordioso do Pai que o vestirão e revestirão da dignidade de filho. Quanto ao filho mais velho, esse conhece bem os cantos da casa, está dentro, mas não *por dentro*, está por casa, mas não se sente *de* casa. Incapaz de participar na festa, não reconhece o irmão e tão-pouco reconhece o Pai. Prefere a orfandade à fraternidade, o isolamento ao encontro, a amargura à festa, o ressentimento à alegria do perdão. Por isso, o filho mais velho não fala ao Pai do seu «irmão», mas refere-se sempre a ele como um estranho: «*esse teu filho*».

3. Esta parábola – dizíamos no início – traz sempre novas ressonâncias, cada vez que a meditamos. Ela fala, porventura, ao coração de tantas famílias, onde o amor do Pai ou da mãe não são aceites, acolhidos ou reconhecidos; ela fala às famílias onde vem, ao de cima, tantas vezes, o complexo de Caim, em que um irmão se descarta do cuidado por outro irmão: então percebe-se que não basta ter o mesmo sangue a correr nas veias, para alguém se tornar irmão. Esta parábola fala aos povos em guerra, onde o outro é visto não como país irmão, mas como inimigo de interesses concorrentes. Mas esta parábola também fala à nossa Igreja, onde as nossas relações com Deus podem ser mais profissionais que filiais, onde é difícil fazer do adro um átrio de fraternidade. Quanta distância há a superar entre o padre, «*o pai da grande família*», e os fiéis batizados, quando a Paróquia, em vez de ser *Casa de portas abertas*, para entrar e para sair, funciona como uma estação de serviços religiosos ou uma alfândega da fé, com portagens por todo o lado.

4. Chamou-me muito a atenção a resposta de algumas pessoas e grupos, na sua caminhada final, àquela pergunta “*quem são os mais distantes da Igreja*?” Alguns disseram: “*muitas vezes, os mais distantes da Igreja são os que estão «dentro da Igreja»”,* são os tais «*filhos mais velhos*», os que estão «*dentro de casa*» mas não «*por dentro*», os que vêm à Missa, para cumprir o seu preceito e não para fazer comunidade; os que consomem tudo o que é religião mas não querem instaurar uma fraternidade com os irmãos; são os *profissionais* dos serviços paroquiais, que trabalham certinho, tal como o filho mais velho, orgulhosos do cumprimento dos seus deveres, mas são impiedosos com os que desertaram, ressentidos e antipáticos com os que regressam, por necessidade ou por arrependimento.

5. Irmãos e irmãs: *Terá o filho mais velho entrado e participado na festa?* Não o sabemos. Este final «*em aberto*» sirva para comunidade, cada família, cada um de nós… o escrever com a sua vida, o seu olhar e a sua atitude. O cristão sabe que, na casa do Pai, há muitas moradas; *de fora*, ficam apenas aqueles que não querem tomar parte na Sua alegria. Cabe-te a ti acolheres o convite a entrares e a deixares entrar. Na certeza, porém, de que não há festa em casa do Pai, que não seja também uma festa de irmãos. Olha que, na casa do Pai, a distância dos filhos e a distância entre irmãos, não se mede aos palmos nem a metro, mas mede-se pelos braços, mede-se pelos abraços! Deixemo-nos abraçar por amor de Deus Pai.

**Credo | Oração dos Fiéis**

P. A Deus, nosso Pai, rico em misericórdia, que sai ao nosso encontro, confiemos as nossas necessidades e misérias, por meio de Jesus Cristo, que nos reconciliou consigo. E digamos:

R. **Senhor, reconciliai-nos no vosso amor!**

1. Pela Santa Igreja, em processo sinodal: para que acompanhe os passos da humanidade na busca da reconciliação e da Paz, tornando-se a Casa aberta do Pai, onde há lugar para todos, com a sua vida fatigante, oremos. R.

2. Pelos governantes: para que promovam a construção de um mundo reconciliado, como verdadeira Casa comum de todos os homens e mulheres, oremos. R.

3. Pelo povo ucraniano, perseguido na sua terra e disperso pelo mundo: para que o Senhor atenda as nossas preces e os esforços das pessoas de boa vontade e lhe conceda a paz e o regresso a suas casas, oremos. R.

4. Pelas famílias feridas por desavenças entre pais e filhos, pela separação, pelo desemprego e pela fome, pela doença e pelo luto, pela violência e pela guerra, oremos. R.

5. Por todos nós: para que nos deixemos abraçar pelo amor do Pai e recebamos de braços abertos os que se sentem distantes da Igreja ou distanciados por ela, oremos. R.

P. Deus Pai, rico de misericórdia: dai-nos a graça de nos alegramos juntos, por cada filho que regressa confiante a casa, por cada irmão que acolhe o seu irmão vindo de longe. Fazei desta nossa família uma Casa de portas abertas, onde ninguém se sinta só, sem pão ou sem lugar à mesa. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons e ofertório | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas Prefácio da Quaresma VI ou Oração Eucarística I da Reconciliação (1315) | Santo (cantado) | Oração Eucarística II ou cont. da Oração Eucarística I da Reconciliação (1315) | Aclamação cantada: *Mistério da Fé para a salvação do mundo:* *Glória a Vós, que morreste na Cruz e agora viveis para sempre! Salvador do mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus.* | Ritos da Comunhão: Pai-Nosso, Embolismo, Fração do Pão, Cordeiro (cantado) | Distribuição e Cântico de comunhão | Oração depois da Comunhão

**RITOS FINAIS**

**Bênção | Despedida**

P. Reconciliai-vos com Deus e com os irmãos. Este é o tempo favorável. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**Cântico final** (ou instrumental)

**Oração para a bênção da mesa | IV Domingo da Quaresma C | 27.3.2022**

Deus Pai, rico de misericórdia:

em cada Domingo celebramos a Páscoa semanal,

do Teu Filho Jesus, que estava morto e voltou à vida,

participando com alegria na mesa da Eucaristia.

Neste dia de festa, reunidos em família,

comemos os frutos da terra e alegramo-nos juntos,

por cada filho que regressa confiante a casa,

por cada irmão que acolhe o irmão vindo de longe.

Faz da nossa família uma Casa de portas abertas,

onde ninguém se sinta só, sem pão ou sem lugar à mesa.

Ámen.

Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente

**Outros Textos e Homilias**

**IV Domingo da Quaresma C**

**HOMILIA DO SANTO PADRE 2019**

«*Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos*» (*Lc* 15, 20). Assim nos leva o Evangelho ao coração da parábola. Um filho ansiosamente esperado. Um pai comovido ao vê-lo regressar.

Mas não foi a única vez que o pai correu. A sua alegria seria incompleta sem a presença do outro filho. Por isso, sai também ao seu encontro, para o convidar a tomar parte na festa (cf. Lc 15, 28). Contudo o filho mais velho parece não gostar das festas de boas-vindas, custava-lhe suportar a alegria do pai, não reconhece o regresso do seu irmão, a quem designa por «*esse teu filho*» (Lc 15, 30). Para ele, o irmão continua perdido, porque já o perdera no seu coração.

Incapaz de participar na festa, não só não reconhece o irmão, mas tão-pouco reconhece o pai. Prefere a orfandade à fraternidade, o isolamento ao encontro, a amargura à festa. Custa-lhe não só compreender e perdoar a seu irmão, mas também aceitar um pai capaz de perdoar, disposto a esperar e velar por que ninguém fique fora; enfim, um pai capaz de sentir compaixão.

No limiar daquela casa, surgem as divisões e desencontros, a agressividade e os conflitos que sempre atingirão as portas dos nossos grandes desejos, das nossas lutas pela fraternidade e pela possibilidade de cada pessoa experimentar desde já a sua condição e dignidade de filho. Mas no limiar daquela casa brilhará também em toda a sua claridade, o desejo do Pai: que todos os seus filhos tomem parte na sua alegria; que ninguém viva em condições desumanas como seu filho mais novo, nem na orfandade, isolamento ou amargura como o filho mais velho. O seu coração quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (cf. *1 Tm* 2, 4).

Sem dúvida, há tantas circunstâncias que podem alimentar a divisão e o conflito; são inegáveis as situações que podem levar a afrontar-nos e dividir-nos. Não podemos negá-lo. Estamos sempre ameaçados pela tentação de crer no ódio e na vingança como formas legítimas de obter justiça de maneira rápida e eficaz. Mas a experiência diz-nos que a única coisa que conseguem o ódio, a divisão e a vingança é matar a alma da nossa gente, envenenar a esperança dos nossos filhos, destruir e fazer desaparecer tudo o que amamos.

Por isso, Jesus convida-nos a fixar e contemplar o coração do Pai. Só a partir dele poderemos, cada dia, redescobrir-nos como irmãos. Só a partir deste horizonte amplo, capaz de nos ajudar a superar as nossas míopes lógicas de divisão, é que seremos capazes de alcançar um olhar que não pretenda obscurecer ou desmentir as nossas diferenças, buscando talvez uma unidade forçada ou uma marginalização silenciosa. Só se formos capazes diariamente de levantar os olhos para o céu e dizer *Pai Nosso*, é que poderemos entrar numa dinâmica que nos possibilite olhar e ousar viver, não como inimigos, mas como irmãos.

A parábola do Evangelho deixa aberto o final. Vemos o pai rogar ao filho mais velho que entre e participe na festa da misericórdia; mas o evangelista nada diz acerca da decisão que ele tomou. Ter-se-á associado à festa? Podemos pensar que este final aberto sirva para cada comunidade, cada um de nós o escrever com a sua vida, o seu olhar e atitude para com os outros. O cristão sabe que, na casa do Pai, há muitas moradas; de fora, ficam apenas aqueles que não querem tomar parte na sua alegria. Cabe-te agora acolheres e acolheres o convite a entrares. Na certeza de que não há festa em casa do Pai que não seja uma festa de irmãos.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2019**

1. Dois irmãos muito parecidos entre si e nada parecidos com o Pai! Em que é que os dois se parecem afinal? Um e outro não conhecem o Pai. O mais novo vê o Pai como um entrave à sua autonomia, pede-lhe a herança, como se já estivesse morto. Foge para longe da casa do Pai. E quando decide regressar – abençoadas bolotas – quer apenas ser tratado como um trabalhador, a quem o patrão paga o salário devido; não espera receber de graça o amor do Pai. O outro, o mais velho, perde-se dentro da própria casa, vendo o Pai como um patrão, de quem espera apenas a recompensa pelo serviço, pelo desempenho e pela obediência. Custa aos dois aceitar a condição de filhos e deixar-se converter pelo amor do Pai.

2. O Pai é, na parábola, o verdadeiro *cais do encontro*. Não conheço mais bela radiografia do coração de Deus do que esta do Pai, que nos vê ao longe e nos recebe num abraço interminável de amor, num excesso de misericórdia, que cobre tudo sem cobrar nada. Este Pai não tem mãos a medir, nem para medir. Este excesso de amor espelha a misericórdia do Pai. O Pai oferece o perdão, isto é, o dom perfeito, e faz a festa porque vê o regresso do filho mais novo como um *reencontro*, uma nova páscoa, o parto de uma nova criatura (cf. *2 Cor* 5,17): “*estava perdido e foi encontrado, estava morto e voltou à vida*” (cf. *Lc* 15,27.32). Depois, este Pai sai ao encontro do filho mais velho, para que este supere a lógica do dever, do “deve e haver”; para que se assuma como filho e aceite o irmão. Para o Pai, um e outro são filhos; não são assalariados; um e outros são amados, não em função dos seus méritos, mas sim pela grandeza infinita do amor paterno. Este Pai – afinal o Pai que está nos Céus – anseia a plena revelação dos Seus filhos como filhos de Deus (cf. *Rm* 8,19).

3. Voltamos assim, e quase sem querer, à história de Jonas, que inspira esta caminhada, de cais em cais, até cair de vez nos braços e abraços do Pai, como nosso verdadeiro cais de encontro e porto de abrigo.

3.1. Revejo na figura do *filho mais novo* aquele Jonas que, à primeira chamada, foge para Társis, para bem longe de Deus, até vir a cair em si, no meio da tempestade, e perceber que a sua fuga é causa de dor de todos aqueles que tem à sua volta.

3.2. Mas a figura de Jonas é «*a cara chapada*» do filho mais velho. Também Jonas, ressentido e mal-humorado, sente *profundo desagrado e fica irritado* por Deus ser misericordioso e clemente, paciente e cheio de bondade; sente pena de um rícino que nasce numa noite e numa noite morre, mas não compreende que Deus que Se compadeça de Nínive, onde há mais de 120 mil pessoas que não distinguem a mão direita da mão esquerda (cf. *Jn* 4,10-11). A este Jonas – como ao filho mais velho, teimoso e rígido, que não compreende a misericórdia do Pai – Deus poderia ter dito: «*Desenrasca-te com a tua rigidez e fica para aí com a tua teimosia*». Mas não. Humilda-se, sai ao seu encontro, vai ter com Jonas para o instar, para o converter ao Seu amor. Porque é o Deus que não teme *perder estatuto* para ganhar os Seus filhos.

4. Irmãos e irmãs: li há dias um livro com o sugestivo título: “*Jonas convertido*”. Aqui na parábola, como no Livro de Jonas, não sabemos se o filho mais velho ou o profeta recalcitrante, entraram no cais do encontro e da festa. A decisão é nossa, é minha, é tua. Queremos ser filhos de um deus menor, que só conhece a justiça? Ou queremos viver como filhos de um Deus a quem podemos chamar “*nosso Pai*”? Queremos viver como filhos de Deus ou não passamos de enteados do Altíssimo?

5. Aproveitemos, sem resistir nem hesitar, esta *segunda tábua de salvação*, este largo abraço da misericórdia divina, que o Sacramento da Reconciliação nos oferece, no tempo da Quaresma, para entrarmos no *cais do encontro* e participarmos no banquete festivo da Páscoa, que já se adivinha no horizonte. Não tenhamos medo de *atracar* decididamente nos braços do Pai como nosso cais de encontro, para alcançar em Cristo, morto e ressuscitado, “*o porto da misericórdia e da paz”* (Prefácio da Quaresma VI)*.*

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2019 | Festa do Pai-Nosso | 2.º Ano**

1. Aqui temos dois irmãos muito parecidos entre si e nada parecidos com o Pai! Em que é que os dois se parecem afinal? Um e outro não conhecem o Pai. O mais novo foge para longe da casa do Pai. E quando decide regressar quer apenas ser tratado como um trabalhador; não espera receber de graça o amor do Pai. O outro, o mais velho, perde-se dentro da própria casa, vê o Pai como um patrão, de quem espera apenas a recompensa pelo serviço, pelo desempenho e pela obediência. Custa aos dois aceitar a sua bela condição de filhos e viver como irmãos.

2. O Pai é o verdadeiro *cais do encontro*. O Pai oferece o perdão e faz a festa porque vê o regresso do filho mais novo como um novo nascimento. Este Pai sai ao encontro do filho mais velho, para que aceite o irmão. Para o Pai, um e outro são filhos; não são assalariados; um e outros são amados, não porque merecem, mas porque é grande o seu coração de Pai; é como que um infinito mar de amor.

3. Com esta parábola, Jesus mostra-nos o que queria dizer quando rezava a Deus e Lhe chamava “Abbá”, que quer dizer “paizinho”, “papá”, e dizia-o com a mesma ternura com que cada um de vós dirá “papá” ou “mamã”. Na verdade, o Pai daquela parábola tem modos de agir que recordam muito o coração de uma mãe, porque são sobretudo as mães que perdoam os filhos, que os defendem, que continuam a amar mesmo quando eles já não mereceriam mais nada. Isto quer dizer uma coisa muito bela: Deus procura-te mesmo que tu não O procures. Deus ama-te ainda que tu O tenhas esquecido. Deus é não só um Pai, mas é como uma mãe, que nunca deixa de amar a sua criatura. Por isso, podemos sempre voltar a Ele, como filhos, como quem regressa ao cais do encontro e dizer-Lhe uma só palavra: “*Abbá*”, “Papá”, “Paizinho”. Tu dizes-lhe: “Pai” e Ele responder-te-á: “*Filho, tudo o que é meu é teu*” (*Lc* 15,31). Esta será sempre a Sua resposta! Nunca vos esqueçais, todos os dias, em todas as horas, de dizer e de rezar como Jesus: “*Abbá, ó Pai*”, para vos tornardes verdadeiramente filhos de Deus.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2016**

*Fórmula mais longa*

**1.** Esta é uma daquelas parábolas, de que me abeiro, descalço e a tremer, com medo de tocar na tela e «*estragar*» a pintura, com explicações, sem propósito. Jesus consegue contar esta parábola, de forma tão viva, tão bela e comovente, que chega a parecer *uma novela da vida real*, se vestirmos a roupa do filho mais novo, perdido da cabeça, ou a do filho mais velho, duro de coração. Mas se, pelo contrário, nos pusermos à janela do Pai misericordioso, com vista direta para o coração de Deus, a nossa perspetiva muda completamente. Nada naquele Pai é normal: a liberdade com que entrega a herança e deixa o filho partir, a esperança que O mantém à janela, de olho no filho até que regresse, a festa de arromba que manda preparar sem esperar por um pedido de perdão, a loucura daquela alegria maior que Lhe inunda o coração ao oferecer sem medida o perdão.

**2.** Para sermos justos, temos de reconhecer que o filho mais velho dá voz à nossa absoluta estranheza. Ele dá-se conta de que, neste Pai, não há lógica, não há justiça retributiva, não há limites para o perdão. No Pai, está tudo virado do avesso e por excesso: não fica fechado em casa à espera de um ajuste de contas, mas sai ao encontro do filho mais novo para o abraçar, e sai uma vez mais para convidar o filho mais velho a entrar. Para este Pai não conta o mérito ou demérito dos filhos, mas o Seu infinito Amor por eles. Nem tão pouco este Pai exige sinais de arrependimento sincero, para manifestar o excesso da Sua compaixão*.* Com o Seu perdão, rejeita a farda de patrão, dobra o Seu coração e desdobra-Se em compaixão, reveste-Se de entranhas de misericórdia. Para este Pai misericordioso, se há mais alegria em dar (At 20,35), há ainda uma alegria maior em perdoar!

**3.** Jesus, ao contar assim esta parábola, responde ao murmúrio dos fariseus e escribas, que O criticavam por acolher os pecadores e comer com eles. Com isto está a dizer-lhes: «É *assim o Pai, que está nos céus. É assim o Seu Filho, na terra. Quem Me vê, vê o Pai. Tal Pai, tal Filho*». A obra de misericórdia – dirá Jesus – é esta: se quereis vestir a túnica de filhos, deixai-vos revestir pelo manto misericordioso do Pai! O desafio não é vestir a pele do filho mais novo ou a do filho mais velho. É revestir-se *de “sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade e paciência e perdoarmo-nos uns aos outros*” (Cl 3,12-13). Ou, dito de outro modo: «*sede misericordiosos, como o Vosso Pai é misericordioso*» (Lc 6,36).

**4.** E, chegados aqui, está tudo dito. Mas – perdoai-me o tempo que vos vou tirar – não resisto a comentar esta parábola do Evangelho com uma parábola da vida real. Foi assim[[1]](#footnote-1):

«João, com vinte anos, tinha feito uma canalhice imunda aos seus pais. Então, o pai disse-lhe:

*– João, sai e nunca mais voltes a entrar! Nunca mais ponhas os pés cá em casa!*

João saiu, com a morte na alma. Algumas semanas mais tarde, disse para si mesmo: “*Eu fiz porcaria da grande, vou pedir perdão ao meu velho*”…

E então escreveu ao pai:

“*Pai, peço-te desculpa. Fui nojento e um sacana, fui do piorio contigo, mas achas que me podes perdoar? Não te escrevo a minha morada no remetente desta carta, mas se me puderes desculpar põe um lenço branco pendurado na macieira que está à frente de casa. Tu sabes qual é, a última da longa alameda de macieiras que leva a casa. Nesta última árvore pendura um lenço branco. Assim saberei se posso voltar a casa”.*

Morto de medo, pensava: “*O meu pai nunca irá colocar lá esse lenço branco*”.

E foi então que pediu ao seu amigo Marcos:

“*Suplico-te que venhas comigo e fazemos assim: eu vou conduzir até quinhentos metros antes da casa e depois passo-te o volante. Depois fecho os olhos. Lentamente, tu vais descer essa alameda de macieiras e vais parar na última. Se vires o lenço branco pendurado, dizes-me e saio a correr. Se não, continuarei de olhos fechados e vamos embora. E não voltarei nunca mais a casa, como o meu pai disse*”.

E assim fizeram. A quinhentos metros da casa, João passa o volante a Marcos e fecha os olhos. Lentamente, Marcos desce a alameda das macieiras. Depois para. E João, com os olhos sempre fechados, diz:

*“Marcos, o meu pai pôs um lenço branco pendurado na macieira?”*

Marcos responde-lhe:

*“Não, não pôs um lenço branco na macieira diante da casa… há centenas em todas as macieiras que levam a casa!”».*

**5.** Olhai… O pai poderia ter dito: *“Como é que tu me fizeste isto a mim, ao teu pai, a mim, que me mato por ti”*? O pai poderia ter dito: “*Tu és a vergonha da família a perseguir assim as raparigas, sem trabalho, sem dinheiro, sem casa*”. O pai poderia ter dito: “*Eu, na tua idade, já trabalhava. Eu não tinha um chavo para me divertir e ser feliz*”. O pai poderia ter dito: “*Vê bem o estado em que puseste a tua mãe*”. O pai poderia ter dito: “*O teu irmão é diferente. Pelo menos, é sério*” Mas o pai não disse nada disto. Ele simplesmente abriu os braços, abriu a porta[[2]](#footnote-2) da misericórdia. E mandou os servos preparar uma festa de arromba e revestir o filho com a melhor túnica!

**6.** Esta semana, cabe-nos praticar, com alegria, esta obra de misericórdia: “*vestir os nus*”! Para isso, nem é preciso muito pano. Bastará um simples *lenço branco*, como a veste com que fomos revestidos, para sempre, desde o dia do nosso Batismo! Ah… o lenço também serve para limpar as lágrimas, da conversão, do perdão e da alegria, que desaguam no grande rio da misericórdia divina.

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2016**

*Fórmula mais breve*

**1.** Esta é uma daquelas parábolas, de que me abeiro, descalço e a tremer, com medo de tocar na tela e «*estragar*» a pintura, com explicações sem propósito. Pensei que talvez o melhor comentário à parábola, com vista direta para o coração de Deus, fosse outra parábola da vida real, que não resisto a contar. Foi assim[[3]](#footnote-3):

«João, com vinte anos, tinha feito uma canalhice imunda aos seus pais. Então, o pai disse-lhe:

*– João, sai e nunca mais voltes a entrar! Nunca mais ponhas os pés cá em casa!*

João saiu, com a morte na alma. Algumas semanas mais tarde, disse para si mesmo: “*Eu fiz porcaria da grande, vou pedir perdão ao meu velho*”…

E então escreveu ao pai:

“*Pai, peço-te desculpa. Fui nojento e um sacana, fui do piorio contigo, mas achas que me podes perdoar? Não te escrevo a minha morada no remetente desta carta, mas se me puderes desculpar põe um lenço branco pendurado na macieira que está à frente de casa. Tu sabes qual é, a última da longa alameda de macieiras que leva a casa. Nesta última árvore pendura um lenço branco. Assim saberei se posso voltar a casa”.*

Morto de medo, pensava: “*O meu pai nunca irá colocar lá esse lenço branco*”.

E foi então que pediu ao seu amigo Marcos:

“*Suplico-te que venhas comigo e fazemos assim: eu vou conduzir até quinhentos metros antes da casa e depois passo-te o volante. Depois fecho os olhos. Lentamente, tu vais descer essa alameda de macieiras e vais parar na última. Se vires o lenço branco pendurado, dizes-me e saio a correr. Se não, continuarei de olhos fechados e vamos embora. E não voltarei nunca mais a casa, como o meu pai disse*”.

E assim fizeram. A quinhentos metros da casa, João passa o volante a Marcos e fecha os olhos. Lentamente, Marcos desce a alameda das macieiras. Depois para. E João, com os olhos sempre fechados, diz:

*“Marcos, o meu pai pôs um lenço branco pendurado na macieira?”*

Marcos responde-lhe:

*“Não, não pôs um lenço branco, na macieira diante da casa… há centenas de lenços em todas as macieiras que levam a casa!”».*

**2.** O pai poderia ter dito: *“Como é que tu me fizeste isto a mim, ao teu pai, a mim, que me mato por ti”*? O pai poderia ter dito: “*Tu és a vergonha da família a perseguir assim as raparigas, sem trabalho, sem dinheiro, sem casa*”. O pai poderia ter dito: “*Eu, na tua idade, já trabalhava. Eu não tinha um chavo para me divertir e ser feliz*”. O pai poderia ter dito: “*Vê bem o estado em que puseste a tua mãe*”. O pai poderia ter dito: “*O teu irmão é diferente. Pelo menos, é sério*”. Mas o pai não disse nada disto. Ele simplesmente abriu os braços, abriu a porta[[4]](#footnote-4) da misericórdia. E mandou os servos preparar uma festa de arromba e revestir o filho com a melhor túnica!

**3.** Esta semana, cabe-nos praticar, com alegria, esta obra de misericórdia: “vestir os nus”! Isto é revestir-se do manto do Pai, *com “sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade e paciência e perdoarmo-nos uns aos outros*” (Cl 3,12-13). Para isso, nem é preciso muito pano. Bastará um simples *lenço branco*, como a veste com que fomos revestidos, para sempre, desde o dia do nosso Batismo!

Ah… o lenço também serve para limpar as lágrimas, da conversão, do perdão e da alegria, que desaguam no grande rio da misericórdia divina! «*Sede misericordiosos, como o Vosso Pai é misericordioso*» (Lc 6,36).

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2013**

**1.** E chegar a bom porto é atracar, com todas as nossas lágrimas, com todas as nossas aventuras e desventuras, no oceano infinito do amor do Pai, onde pousa e repousa o nosso coração inquieto! Não conheço mais bela radiografia do coração de Deus, do que esta do Pai, que nos vê ao longe e nos recebe num abraço interminável de amor. Nesta parábola, Jesus pinta-nos o retrato deste Pai, «*que está nos céus*», muito acima da nossa medida, de tal modo que, olhando para Jesus, para o seu modo de acolher os pecadores e de comer com Eles, os seus contemporâneos cheguem a dizer: «*Tal Pai, tal Filho»*. «*Pai*» é, de facto, o nome novo, com que Jesus nos ensinou a relacionarmo-nos, com Deus, e a voltarmo-nos para Ele, na oração, humilde e confiante, do Pai-Nosso. E todos nós, cada vez que professamos a fé da Igreja, dizemos quase tudo, logo no primeiro artigo do credo, quando exclamamos: *creio em Deus Pai*.

**2.** Esta serena palavra «pai» não está hoje isenta de ambiguidades. “*Hoje, nem sempre é fácil falar de paternidade. Sobretudo no nosso mundo ocidental, as famílias desagregadas, os compromissos de trabalho cada vez mais exigentes, as preocupações, e muitas vezes a dificuldade de adaptar os balanços familiares, e a invasão distraída dos mass media no interior da vida quotidiana, são alguns dos numerosos fatores que podem impedir uma relação tranquila e construtiva entre pais e filhos. Às vezes a comunicação torna-se difícil, a confiança diminui e o relacionamento com a figura paterna pode tornar-se problemático; e assim, na ausência de um modelo de referência adequado, é difícil também imaginar Deus como um Pai. Para quantos fizeram a experiência de um pai demasiado autoritário e inflexível, ou indiferente e pouco carinhoso ou até mesmo ausente, não é fácil pensar com serenidade em Deus como Pai e abandonar-se a Ele com confiança*” (Bento XVI, Audiência, 30.01.2013). Chega-se mesmo a falar de uma espécie de *evaporação do pai (Jacques Lacan)*, na cultura atual, apostada em renegar as suas origens, em libertar-se de uma “*autoridade transcendente*”, de quem estamos sempre a suspeitar que nos pode diminuir com o seu poder.

**3.** Por isso, precisamos aqui de ressalvar um aspeto: a imagem do Pai, que Jesus nos revela, não é decalcada de nenhum pai, mais ou menos bom, deste mundo. Pelo contrário, cada pai, neste mundo, é que pode aproximar-se, mais ou menos, da imagem do único Pai, que é bom, e que Jesus nos mostra, em tudo o que é, em tudo o que diz, em tudo o que faz. Por isso, disse Tertuliano, e muito bem: “*Deus é Pai e ninguém é tão Pai como Ele”* (CIC 239). Se queremos, pois, conhecer o rosto deste Pai, se queremos entrar no coração de Deus, é para Jesus, que devemos olhar, é a Jesus que devemos ouvir, é por Jesus que devemos ir, pois Ele mesmo nos disse: «*Quem me vê, vê o Pai. Eu e o Pai, somos um*» (Jo.14,8). Em boa verdade, Jesus revela-nos um Deus, que é Pai, em sentido inédito! Não é «pai», apenas no sentido de que é o Criador, “*a origem primeira de tudo, a autoridade transcendente de tudo quanto existe*” (CIC 238). Ele é o Pai, que gera eternamente, no amor, o Filho, Jesus Cristo. E Jesus é o Filho, muito amado, no qual se vê, de modo humano, a imagem do Deus invisível (cf. Col.1,15).

**4**. Mas a parábola mostra-nos, em toda a crueza, o drama d*a rejeição do Pai*! Um Pai rejeitado, quer pelo filho mais novo, que o vê, como um limitador da sua autonomia e liberdade, quer pelo filho mais velho, que vê o pai como um patrão severo, a quem servir. Nisto, o filho mais velho e o filho mais novo são iguais, e a sua figura é um exemplar duplicado, da mentalidade do nosso tempo, que olha para Deus, como concorrente da liberdade humana, um Deus castrador do desejo, um Deus empecilho das nossas aventuras mais felizes.

**5.** Mas não. Jesus revela-nos um Deus, que é, no fundo, o nosso cais de partida e o nosso cais de chegada, a nossa origem e a nossa pátria, é mesmo o ar e o mar, o oceano infinito de amor, no qual nos “movemos, somos e existimos” (At.17,28). Sobretudo em momentos de desventura, de abandono, de tristeza, e no contacto com o mistério da morte, renasce, do fundo do nosso coração, o pressenti­mento e a saudade de um Outro, de Alguém que nos possa acolher, e fazer com que nos sintamos amados, para além de tudo, e apesar de tudo. Ressurge, em nós, no abismo da solidão, a nostalgia do Pai, a saudade da Mãe, esse “*cais de partida para a vida*” (M. Eulália Macedo). O Pai é, neste sentido a imagem de Alguém, em quem podemos confiar sem reservas, o porto seguro**,** onde re­pousar dos nossos cansaços, cientes de não sermos re­jeitados. Deus é o Pai em cujos braços estamos a salvo. E é também, como a Mãe, Aquele em quem podemos ancorar a vida, que Ela própria nos deu. Voltar para o Pai, partir e regressar a casa, é, portanto, voltar à origem, reencontrar o seio materno, a pátria, a casa, o lar, o coração, onde cabe tudo o que somos. Neste sentido, «*o fim da nossa viagem é* - no fim de contas *- chegar ao ponto de partida e, pela primeira vez, conhecer o seu lugar*» (T.S. Eliot).

***“****Senhor, Pai santo,*

*Deus omnipotente e misericordioso,*

*é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação*

*louvar-Vos e dar-Vos graças por todos os benefícios*

*e especialmente pela graça do perdão.*

*Ao homem, náufrago do pecado e da morte,*

*pelo sacramento da reconciliação,*

*abristes em Cristo, morto e ressuscitado,*

***o porto da misericórdia e da paz.***

*Pelo poder do vosso Espírito,*

*estabelecestes para a Igreja,*

*santa e também pecadora,*

*uma segunda* ***tábua de salvação*** *depois do Batismo*

*e continuamente a renovais*

*para a reunir no banquete do vosso amor****”****…*

**HOMILIA NO IV DOMINGO DA QUARESMA C 2010**

**I.** Um Pai tinha dois filhos… Esta não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso. É afinal o Pai o verdadeiro pródigo. Ele, sim, esbanja e excede-se, na abundância da festa, na profusão do amor!

Ouvimos esta parábola, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*, o filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. Até cair em si e se decidir, a um tímido regresso!

Mas a parábola, se bem se lembram, foi contada, de propósito e a propósito dos «*fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles*». Eles estão desenhados na figura do filho mais velho, com o seu olhar distante, frio e sombrio. Trata-se de um estranho dentro de casa. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tem mais perfil de empregado, do que coração de filho. Não conhece o coração do pai, vê apenas nele a imagem de um patrão!

**II.** Por mim, deixai que vos diga. Já me revi, muitas vezes, na figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. É altura de descobrirmos agora que esta parábola não nos quer pintados em nenhum destes filhos, mas nos deseja convertidos à figura luminosa do Pai*.* Estamos a poucos dias de celebrar o dia do Pai. De algum modo, o antecipamos, nesta celebração dominical. Por isso, e porque «*Deus é Pai e ninguém é tão Pai como Deus*», sugiro especialmente a cada pai, que se veja e reveja nesta imagem do pai misericordioso. Quais serão afinal as características principais da paternidade de Deus, que hão-de moldar o nosso coração de pais? Enuncio apenas uma mão cheia delas!

**1º. Trata-se de um pai livre e libertador:** O Pai, de que nos fala a parábola, não usa a autoridade, para forçar à obediência. Retrai-se, para que o filho mais novo exista na liberdade. Abre mesmo espaço para o filho perdulário, e não lhe opõe resistência. Não se impõe, para evitar a fuga do filho mais novo, mas depõe-se para o acolher no seu regresso!

**2.** ***Um pai, animado pela esperança*:** O Pai, que Jesus nos revela na parábola, espreita à janela e acompanha, de perto, vendo ao longe, os passos do filho. Permanece firme e fiel ao seu amor, na «*expectativa*» do regresso do Filho. Este Pai não desiste! *Quem anda no amor, não cansa, sem se cansa*! Espera e não desespera. Porque o amor tudo espera, o amor tudo suporta! (I Cor.13,7).

**3.** ***Um Pai, clemente e cheio de compaixão***: O Pai, que Jesus nos revela no seu amor, ama cada filho, independentemente dos seus méritos, defeitos e feitios. Ama-os porque os gerou... Nada o faz deixar de amar, porque é Amor. Este Pai ama, como somente uma mãe sabe fazê-lo: com um amor que irradia ternura e gratuidade, mais fiel do que qualquer infidelidade humana. Como afirmava São Bernardo, "*Deus não nos ama, porque somos belos, mas faz-nos belos porque nos ama*"!

**4.** ***Um pai humilde e corajoso***: O pai, de que Jesus é o rosto visível, corre ao encontro do filho mais novo. E perante a recusa do filho mais velho a entrar na alegria, vem cá fora estar e instar com ele! No fundo, era o filho que devia apresentar-se e prostrar-se diante do pai, diríamos nós! A parábola coloca-nos, pois, diante de um pai que não tem medo de perder estatuto e que, ao contrário, o põe em risco. Assim, a autoridade do pai não reside na distância que separa, mas no amor irradiante que aproxima!

**5. *Um pai que sofre e se alegra*.** Este Paié o primeiro a sofrer! Mas sofre, não tanto pela ofensa recebida, não tanto pela perda injusta de um filho novato que perdeu a cabeça ou de um filho maduro que perdeu o coração. Ele sofre primeiro, e sofre sobretudo, porque conhece o sofrimento dos filhos, porque padece e se compadece com o filho que estava perdido ou com o filho que não se tinha encontrado! Por isso, tem de alegrar-se e de fazer festa. Porque ao regressar, ou ao entrar na festa, cada filho reencontra a sua dignidade e experimenta a alegria de ser amado! Tudo o que o Pai faz é expressão dessa alegria: as roupas novas, o calçado, o anel, o novilho gordo, a música, as danças, tudo se transforma numa festa excepcional, num hino da alegria!

**III.** Queridos irmãos e irmãs: Compaixão significa sofrer com quem sofre e alegrar-se com quem se alegra! Para esta festa, o Pai convida o filho mais velho, chama os amigos e vizinhos e diz-lhes: «*alegrai-vos comigo*»! Vou entrar na festa, ou ficarei ainda do lado de fora, com a coração a morrer de frio?!

**HOMILIA NA FESTA DO PAI-NOSSO 2010**

1. Todos os meninos gostam de falar do Pai. Todos gostam que alguém diga: «*és a cara do teu Pai*». Jesus gostava imenso de falar do Pai. Conhecia muito bem o seu coração. Tudo o que Jesus fazia era da vontade do Pai. Tudo o que era do Pai era também dele. Quem O via, via o Pai.
2. Muitos estranhavam assim o comportamento tão amoroso de Jesus. Ele amava os mais fracos, os mais pequenos. Ele vivia e convivia com os pecadores. Ele fazia uma grande festa, por alguém que mudava de vida. Então Jesus contou-lhes uma parábola. Uma parábola, é uma história em jeito de comparação. Vós (ou)vistes muito bem.
3. No centro da História está o Pai: um pai único. Ele é Pai e nenhum pai deste mundo é tão Pai, tão amoroso, tão humilde, tão paciente, tão generoso, tão carinhoso como Ele.
4. É um Pai que não se cansa de nos amar. Um Pai que se alegra sempre que voltamos para Ele. Um Pai que gosta de festa, de alegria. Uma alegria, que é maior, depois da dor, que sentiu ao ver o filho mais novo sair e ao ver o mais velho não querer entrar. Ele faz uma Festa, porque a sua alegria é ter os filhos em casa, no seu coração. Ele fica muito feliz, quando nós descobrimos que há na nossa vida um Pai que nos ama primeiro, sem nunca se cansar, nem desistir de nos amar.
5. A este Pai que faz a Festa, nós retribuímos hoje com a Festa do Pai e do Pai-Nosso. O Pai-Nosso é uma bela Oração que Jesus nos ensinou. É como que a «chave» que Jesus nos deu, para entrar na casa ou no coração deste Pai e conversar com Ele.
6. Vamos entregar esta Oração a cada um de Vós. Quando a rezardes, sabei que Deus vos vê, ao longe e ao perto, e que o seu abraço de amor, vos dá a maior alegria. Não há maior alegria do que ser amado por este Pai.
7. Oxalá pudésseis fazer hoje uma festa em casa, com o vosso Pai. Mesmo se algum Pai não está convosco, rezai por Ele. Se algum *pai se esqueceu de ser pai* e desfigura a imagem deste Pai que Jesus hoje nos mostra, recordai-vos então de que só “*Deus é Pai e ninguém é tão Pai como Ele*”!

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 2004**

**1.** Difícil de compreender, para a fria cabeça dos fariseus e escribas, a linguagem dos abraços, que é afinal a linguagem mais bela e mais antiga do mundo. E que, por isso, as próprias crianças conhecem, desde o leite materno, sem precisar de escola nem de lições de bíblia, para aprender. Elas sabem que um abraço entre o pai e a mãe, se chama amor. E deste amor nascem e crescem, à medida que se deixam abraçar por ele todos os dias.

**2.** Jesus fala esta linguagem dos abraços, quando lhes conta a parábola de um grande abraço. De um abraço único e eterno, que vinha de muito longe no tempo, repleto de saudades nossas, um abraço que mergulha no nosso coração e jamais o esqueceremos. O abraço do Pai, que se alegra e faz a festa, e nos toma ao colo, como o Pastor que encontra a sua ovelha perdida (Lc.15,4-7). «*Jesus acolhe os pecadores e come com eles*» (Lc.15,2). E assim nos dá, na terra, aquele abraço, longo que consegue alcançar os céus, o abraço com que Deus, do Céu, abraça a humanidade toda. Deste Amor do Pai, só Jesus, o Filho Único, verdadeiramente sabia e conhecia.

**3.** Nem o filho mais novo, nem o filho mais velho, sabiam nada deste amor do Pai. O primeiro perde a cabeça, numa terra longínqua (Lc.15,13) e quer regressar a casa para ser tratado pelo Pai, como mais um dos seus trabalhadores (Lc.15,19). O outro, perde o coração, dentro de casa e porta-se, todos os dias, com o Pai, como se fora um simples criado serviçal e obediente, às ordens do seu patrão (Lc.15,29). Nenhum deles sabe ainda o Pai que tem. Um Pai que faz das tripas coração (Lc.15,20). E que por isso, os ama, com entranhas de misericórdia.

**4.** Jesus estava a dizer *aos seus críticos e murmuradores*, que Deus é um Pai que pensa com o coração e nos ama, «com as entranhas, tal como uma mãe, que precisamente aí, na parte mais frágil do seu corpo humano, gera, alimenta e entrelaça o seu filho. E por isso o Pai cede pela parte mais frágil: as entranhas da sua misericórdia. Deus ama-nos perdidamente. E consegue abraçar-nos mesmo à distância (Lc.15,20), através dos seus olhos de misericórdia. E quando estamos de volta, dá-nos um abraço de alegria, já sem receio da hora em que nos teríamos de separar.

É um abraço tão largo, este abraço de Deus, que envolve a humanidade inteira, sem querer deixar um sequer de fora (II Cor.5,19). Jesus queria que também os fariseus e escribas se deixassem abraçar e entrassem na alegria e na festa de Deus. Sem medo do regresso a casa, porque jamais magoará aquele abraço de reconciliação, onde se recupera a Paz.

**5.** A parábola não é, pois, a de um filho mau e a de um filho bom. Porque bom é só o Pai (Mc.10,18). E, ainda que, por hábito, gostemos mais de vestir a pele do filho mais novo, ela atinge-nos sobretudo nessa costela do filho mais velho. É para esse lado de nós, que tem um olhar mau, até por Deus ser bom (Mt.20,15), que ela nos atinge. É para esse lado de nós, que não conhece a alegria de Deus, nem reconhece o próximo como irmão, que Jesus nos fala. O Pai sai e insiste à porta do coração do filho mais velho (Lc.15,28) pelo abraço fraterno ao seu irmão. Quem algumas vezes amou e quem ainda sente o amor, sabe que ele é uma alegria onde também palpita a dor. Porque o abraço envolve duas pessoas. Não se pode abraçar sozinho.

**6**

**.** Esta não é, pois, uma parábola para nos dizer como havemos de nos comportar. Ela destina-se sobretudo a dizer-nos como Deus se comporta connosco. Um Deus excessivo que mete a aliança no dedo do Filho e o veste com a túnica primeira, pondo-lhe nos pés um calçado de luxo (Lc.15,22). Um Deus pródigo e extravagante, que não tem mãos a medir, que dá uma grande festa em dia de trabalho. Que mata o vitelo mais gordo e contrata a orquestra para a dança (Lc.15,24-26). Porque só na dança se pode dar o abraço dentro do abraço. E lá tem o lugar reservado para nós, o lugar de filhos. A alegria do céu (Lc.15,7.10) não é para menos.

**7.** Este abraço do Pai não é de modo a caber-nos, mas a cobrir-nos a cabeça. É a terapia certa, para nos pôr no caminho de regresso a casa e de nos fazer entrar na Terra Prometida (Jos.5,9-12), na região mais próxima do coração de Deus. E aí comer os frutos da reconciliação (Jos.5,11). E celebrar pela primeira vez a Páscoa em casa (Jos.5,10). Viver esta parábola é simplesmente aceitar o abraço de Deus, que nos chama à reconciliação (II Cor.5,19-20), e abraçar a todos, os perdidos dentro e fora de casa, porque todos são filhos e todos são chamados para a festa. Viver esta parábola é multiplicar, em casa e fora de casa, as carícias e os abraços, de paz e de reconciliação, com Deus e com os irmãos. Multiplicá-los e estendê-los, onde mais curtos parecem os braços do pão e do perdão. «*Provai e vede como o Senhor é bom*» (Sal. 34,9).

(Sugestão de leitura: MICHAEL SNUNIT, **Vem e abraça-me**, Vega Editora, Lisboa 2003)

## Homilia no IV Domingo da Quaresma C de 2001

**1.** Sem levar em conta o mal recebido (II Cor.5,19; I Cor.13,5), o Pai dobra-se diante do Filho perdido. Desdobra-se em gestos de ternura. Diria mesmo que “come” o filho mais novo de beijos! A alegria do seu coração paterno, limpo de qualquer ressentimento, sem qualquer espaço para a ofensa, expande-se num ritual de mesa, de alegria e de festa: «vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu Filho, estava morto e voltou à vida, estava perdido e reencontrou-se» (Lc.15,23-24). Para a festa da reconciliação, é chamado também o filho mais velho. Que em vez de estender a mão ao irmão, as fecha em punho, diante do Pai, para reclamar direitos e exibir medalhas antigas de bom comportamento. Mas o amor do Pai transforma-se em misericórdia, quando é preciso ir além da justiça (cf. D.M.5). Por isso, fiel ao amor que O move e comove, desde as entranhas, este é um Pai que não tem mãos a medir. Desmedido no amor, debruça-se sobre a miséria do filho, para o levantar do chão. Vê-o ao longe, mas não de cima nem por cima. Olha-o de perto, não para o atingir e diminuir, mas para o promover e reabilitar na sua dignidade perdida. Acolhe-o e veste-o de novo, de tal modo que o Filho se sente finalmente reencontrado, em sua própria casa, revestido de novo, na sua dignidade de filho.

**2.** **A misericórdia** não é, para o Pai, uma esponja que apaga o passado. Nem para o Filho uma amnistia facilitada, pela dispensa de uma qualquer penitência por cumprir. Antes pelo contrário, o gosto amoroso com que o Pai abraça o Filho, num gesto de profundo afecto, provoca nele (no Filho) o desgosto do pecado e põe-no no caminho autêntico da conversão. «Partiu, pois e foi ter com o Pai» (Lc.15,20). A festa que se celebra em casa, não é um baile de máscaras, a fazer de conta que nada aconteceu. Pelo contrário: «a alegria que há na Casa do Pai indica um bem que não foi destruído: o filho, embora pródigo, não deixa realmente de ser filho de seu Pai. Indica ainda um bem reencontrado: no caso do Filho, o regresso à verdade sobre si próprio» (D.M.5). De facto, o mesmo amor de Deus, que “é paciente, benigno, que não se irrita nem leva em conta o mal recebido”, é também o mesmo e divino amor que “não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade” (I Cor.13,5.7).

**3.** Eis porque não é fácil «**entrar**» nesta «festa da reconciliação». Mesmo sendo uma festa. E desde logo no seio da família. E a prová-lo está a resistência do filho mais velho, que se julga sem pecado e ignora, por isso, a alegria da misericórdia. «Reconciliar-se pode ser problemático quando na origem está uma culpa pessoal». Exige a humildade do filho mais novo. «Se, porém, a culpa é de outro, reconciliar-se pode até ser visto como uma humilhação irracional». Assim o pensou o filho que ficara em casa. «Para dar tal passo», é necessário a um filho como a outro, ao filho perdulário como ao filho calculista, ao de fora, como ao de casa, «percorrer um caminho interior de **conversão**» (cf. Mensagem do Papa para a Quaresma 2001,n.5).

**4.** Eis porque não seria, de todo, desajustado, preparar a celebração do sacramento da Reconciliação, a partir da «reconciliação em família». Não será, pois, esta parábola também a História da nossa Família? Quantas vezes não está no coração dos filhos «mais novos» a tentação de sair de casa, como se lá fora fosse o Paraíso? Quantas vezes, como o filho mais velho, não vivemos todos debaixo do mesmo tecto, sem nos conhecermos verdadeiramente? Ecomo é difícil ser um Pai assim! Pai que respeita, sofre, espera, acolhe e perdoa! Como é difícil perdoar! Um Pai a um filho, um filho a um Pai, um irmão a outro irmão!

Podíamos, durante estes dias, anotar num papel as dívidas que temos uns para com os outros, em família. O marido perguntar à esposa, a esposa ao marido, os filhos aos pais, os pais aos filhos, os irmãos entre si, «onde falhámos»? De que queremos ou devemos pedir perdão? E, num dia da semana, reunirmo-nos, em família, com essa lista de pecados... diante de nós. Apresentá-la uns aos outros, pedindo perdão. E logo depois lançá-la na fogueira. No fim, trocar um abraço de Paz. Rezar o Pai Nosso de mãos dadas ou, de joelhos, o Acto de Contrição. E porque não terminar «em festa familiar» com um chá e um doce?

Talvez estivéssemos então todos mais preparados para «regressar a esta casa» respondendo ao apelo veemente de São Paulo: «Reconciliai-vos com Deus» (II Cor.5,20).

### Homilia no IV Domingo da Quaresma C 1998

Um Pai e dois filhos. E não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso.

Ouvimo-la, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*. O Filho pródigo. O filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. E que no vazio da sua fuga, cai em si. Ouvindo ao longe o eco da voz do Pai, na saudade da sua memória, pôs-se a caminho de casa, sem estar seguro da porta aberta. Desconfiando ainda da bondade infinita do Pai, apronta-se a confessar a sua rebelião e dispõe-se a ser tratado *como um dos seus trabalhadores.* Eis o filho, que perdera a cabeça, um penitente que timidamente volta à casa do Pai. Um filho que estava ainda longe de se converter ao amor do Pai.

Mas a parábola, se bem se lembram, vinha a propósito dos «*fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles*». É o olhar distante, frio e sombrio do filho mais velho. Um estranho dentro de casa. Um coração de pedra. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tão de pé nas suas virtudes, não se dobra à miséria de ninguém. Figura pouco simpática cuja pele nos custaria vestir. Mas não raro, é este filho mais velho quem melhor, na vida, representamos, na impiedade do olhar com que julgamos, no azedume dos sentimentos com que nos relacionamos, na mesquinhez com que apontamos e exigimos dos outros. E, sobretudo quando, em nome de Deus, julgamos sem misericórdia e excluímos sem compaixão. Eis um filho impenitente, que, cheio razão, perdera o coração e fugira à festa. A conversão deste é a mais difícil.

Por mim, deixai que vos diga. Já me revi muitas vezes na bela figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. Agora descobri que esta parábola não me quererá pintado em nenhum destes filhos, mas me deseja convertido na figura luminosa do Pai*. «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»!* Como Padre, esta é a minha vocação. Mas este é o apelo da parábola a todos: *converter-se na figura do Pai*. *Converter-se* *ao amor do Pai*.

Reclamo, para mim, hoje e diante de vós, **como única autoridade a compaixão**, como único juízo a misericórdia, como única palavra o abraço largo e eterno do Pai, como única regra de vida a porta aberta. E não queirais outro papel. Ser pai e mais nada: oferecer aos outros a liberdade de partir e voltar, sem medo da ferida aberta da saudade. E dar sempre as boas vindas com os braços abertos da compaixão. E esperar pelo beijo doce da Paz, pela grande festa da reconciliação. «*Comamos e festejemos, porque este teu irmão estava morto e voltou à Vida».* Foi assim que começou, em casa, a Páscoa de Deus com os seus filhos. Que ninguém fique à porta, com medo de entrar! Há uma voz que nos chama*: Tu és o Meu Filho*. *«Em nome de Cristo vos pedimos: reconciliai-vos com Deus».*

**Homilia no IV Domingo da Quaresma C 1995**

Há festa em casa do Pai. Ao passo lento do filho que regressa, corre veloz a misericórdia do Pai que o abraça. Vai à frente o perdão, quando vem longe o arrependimento. Há festa em casa do Pai. Aos filhos escravizados pela desordem ou pelo dever, oferece-se o rosto de um Pai enlouquecido de amor. O resto da parábola, já sabemos e até de cor. Não é bem a história do filho pródigo, mas a parábola do Pai clemente. Um autêntico retrato do Pai, onde se cruza a aventura de um filho perdulário com a mesquinhez de um filho calculista. Um não soube guardar a sua alma, outro não soube dar o seu coração. Ambos entristeceram o Pai: um pela sua desobediência, outro apesar da sua obediência... Mas no centro está o Pai, o seu rosto, o seu retrato. É d’Ele que nos vamos aproximar para ver o seu amor:

**1. A humildade do Pai:** Não usa a autoridade para forçar à obediência. Retrai-se para que o filho exista na liberdade. Abre espaço para o Filho e não lhe opõe resistência.

**2. A esperança do Pai:** O Pai permanece firme e fiel ao seu amor, na «expectativa» do regresso do Filho. Não desiste. Permanece à janela sem nunca perder do seu olhar a vida do Filho...Está à janela... E vê o Filho ao longe...

**3. Compaixão e ternura do Pai:** Ama o filho independentemente dos seus méritos, defeitos e feitio. Ama-o porque é Pai e tem coração de mãe...ama porque o gerou...Nada o faz deixar de amar, porque é Amor.

**4. A coragem do Pai:** Não teme perder «estatuto» ou «dignidade» ao esperar pelo regresso do filho. Abre os braços. Não cria distâncias, mas irradia amor.

**5. A dor e alegria do Pai:** O Pai que sofre é o Pai que ama. E sofre primeiramente porque vê o filho sofrer e sofre ainda no seu sofrimento. «*Estava morto e voltou à Vida; estava perdido e reencontrou-se*». Não é um Pai impassível, asséptico, frio... O Pai que sofre é o Pai que que ama e se alegra pelo regresso d’Aquele que o faz sofrer. O Pai alegra-se porque vê o Filho readquirir a sua dignidade, reencontrar a sua Vida, pela força criadora do seu perdão...

Diante deste Pai está cada um de nós. E na parábola só nos resta ficar no papel de filhos. No mais novo que perdeu a cabeça ou no mais velho que perdeu o coração? Ou nos dois? Não nos resta alternativa, pois não há um terceiro filho...

O que nos vale é o Pai. Ele espera pelo nosso regresso, para celebrar connosco a Páscoa da reconciliação, a festa do reencontro, e dizer a cada um: *«Estavas morto e voltaste à vida*... *Ressuscitastes nas lágrimas da Penitência, tu que recebestes nas águas do batismo a dignidade de filho meu*.»! Quando a graça de Deus encontra a porta fechada, entra até pela janela. E Ele, o Pai, aí está à janela!... Porque esperais? «*Nós vos pedimos em nome de Cristo: «reconciliai-vos com Deus*». E haverá festa nesta Casa!

LECTIO DIVINA

**I. Leitura: Que diz o texto?** (Lc.15,1-32)

a) **A quem se dirige a parábola?** Aos fariseus e aos doutores da Lei que murmuravam entre si, dizendo: «*Este acolhe os pecadores e come com eles*» (Lc.15,1). Dirige-se portanto e agora a nós. Ou a esse lado de nós, que nos leva a olhar os outros de lado e a não querer ver Deus tal qual Ele é e se revela.

b) **Qual dos filhos**, na parábola, representa esta atitude dos fariseus e escribas, incapazes de aceitar e compreender a misericórdia de Jesus? É precisamente o «*filho mais velho*».

c) **Onde se perde o filho mais novo?** Fora de casa, numa região longínqua (Lc.15,13), como a ovelha que se perde no deserto (Lc.15,4) e que alguém “procura até encontrar”, como se não houvesse mais nenhuma!

d) **Onde se perde o filho mais velho?** Em casa, como «a moeda», que uma mulher perdeu e procura, varrendo toda a casa (Lc.15,8), não desistindo, até a encontrar.

e) **Como se perde o filho mais novo?** Pedindo a herança ao pai (Lc.1,12) e esbanjando-a (Lc.1.13) sem deixar nada a salvo. Ao pedir a herança ao pai, ele «*mata o pai*» e «*morre como filho*». Chega depois à penúria, porque seca a fonte da dádiva (o Pai). “Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava” (Lc.15,16). O filho, desligado do Pai, chega a querer ser alimentado como um animal, que fica satisfeito só por encher a barriga.

f) **Como se perde o filho mais velho?** Ele irrita-se com a atitude do Pai e recusa receber o irmão, a quem se refere, diante do pai, como «esse teu filho» (Lc.15,30). Repare-se que o filho mais velho, apesar de estar em casa, se comporta como empregado e não como um Filho. Ele próprio diz: «Há tantos anos que te sirvo e nunca transgredi uma ordem tua»... Ele vê o Pai como um patrão: serve-o e cumpre as suas ordens… pelo que se julga merecedor de um prémio pelos seus esforços. Era assim que viam Deus os escribas e fariseus.

g) Mas notemos que também o filho mais novo pensa regressar, não já como filho, mas como simples empregado (Lc.15,21). Prepara um discurso nessa linha, mas quando chega, o Pai interrompe-o na confissão, precisamente quando ele se prepara para dizer: «trata-me com um dos teus trabalhadores». Afinal nenhum deles conhecia o amor e a misericórdia do Pai. Como nenhum de nós.

h) **A figura mais importante, na parábola, é** **o Pai**. E é à misericórdia do Pai, que Jesus realmente nos quer converter. O Pai «viu-o ao longe». Porque o Pai está atento. Estava à espera. E quando o viu compadeceu-se isto é, “moveram-se-lhe as entranhas”. A palavra «misericórdia» em hebraico tem a mesma raiz da palavra «vísceras» ou ‘entranhas’. O Pai cede pela parte mais frágil: as entranhas da sua misericórdia. De facto, as vísceras representam a parte mais frágil do Homem. palavra «misericórdia» em hebraico tem a mesma raiz da palavra «vísceras» ou ‘entranhas’. Quando a mulher está grávida, ela sente duas vidas no mesmo lugar. A sua e a do filho. A misericórdia, neste sentido, não é ter pena de alguém que se vê aqui ou ali. É sentir nas entranhas a dor do outro, de tal modo que essa dor mexe comigo. De tal modo que aquela vida é a minha vida.

A parábola acentua **o excesso e a extravagância**, a pressa e a alegria do Pai em fazer a festa. Põe-lhe o primeiro vestido, dá-lhe o anel de filho, calça-o com sapatos de luxo, dá uma grande festa em casa, num dia de trabalho. A alegria do céu não é para menos! Por isso, mais do que um cabrito, o Pai manda matar o vitelo mais gordo. Convida uma grande orquestra, que anima a festa e a dança. A razão é muito simples: o filho estava morto e voltou à vida. Estava perdido e foi encontrado. Era preciso que um e outro ocupassem o seu lugar na festa: o lugar de filhos. Estaremos ainda ressentidos, teimosos, resistentes a entrar na onda desta festa?

**II. Meditação: Que me diz o texto? Onde me encontro?**

A parábola não vem tanto dizer-nos como nos devemos comportar. Ela é sobretudo «evangelho», boa nova, que nos diz em primeiro lugar como Deus se comporta connosco. Importa que nos convertamos ao Pai, no Pai… A Parábola destina-se a tornar-nos mais sensíveis. Partindo da certeza profunda de que Deus é Pai será mais fácil passarmos a olhar os outros como irmãos.

**III. Oração: Que digo ao Senhor, que me fala neste texto?**

Senhor, tem piedade de mim! Como se disséssemos: “Senhor, faz-nos graça. Cria-nos e recria-nos. Como uma mãe que embala o seu filho nos braços”…

**IV. Ação:**

Levar a bondade e a gratuidade do amor de Deus ao mundo. É a grande dívida do cristianismo. Acariciar. Abraçar. Estar mais tempo com os outros. Celebração da Reconciliação: em família e em Igreja.

“Este Deus humilde que impõe limites a si mesmo para que sua criatura exista na liberdade, é também o pai que fica na janela, esperando o retorno do filho. Isso se pode deduzir do verso 20, na narrativa do filho pródigo: "Quando ainda estava longe, o pai o viu e, comovido, correu ao seu encontro". Tal como sugere o advérbio *makrán,* do texto grego, que indica distância, há muito tempo o pai volvia seu olhar para o horizonte, à espera do desejado retorno do filho. Esta postura que a parábola deixa entrever com discrição e pudor poderia chamar-se *esperança de Deus.* Na verdade, "esperança" é o outro nome que poderia ser dado para a humildade. Se, pois, ser humilde significa fazer espaço para que o outro exista, a esperança nada mais seria do que o projectar-se em direcção ao outro, desejando que este, numa resposta livre e gratuita de amor, seja ele mesmo. O Deus cristão, portanto, aparece como o Deus desta esperança; não somente na linha do Deus da promessa, fundamento e garantia de toda esperança humana, mas também no sentido que Ele, no desejo, é um Deus que sabe esperar e festejar o retorno de sua criatura. O que consente falar desta esperança e desta humildade do Deus cristão é a postura que impulsiona o comovido pai quando corre ao encontro do filho *que* retorna *(esplanchnísthe,* diz o texto grego). Esta palavra evoca o hebraico "rachamim", termo que, literalmente, quer dizer "*viscere materne*": Deus amou com o amor visceral de uma mãe, não em relação ao mérito da sua criatura, mas simplesmente porque a sua criatura existe (confira as estupendas testemunhas de Isaías 49,14-16 e do Salmo 131). A terceira característica do pai da parábola 6, portanto, o *amor materno,* amor com o qual ele respeitou, em profundidade, a liberdade do filho e com O qual continua a amá-lo, para além da recusa do filho. Deus ama como somente uma mãe sabe fazê-lo: com um amor que irradia ternura e gratuidade, mais fiel do que qualquer infidelidade humana. Como o afirmava São Bernardo, "*Deus não nos ama porque somos bons e lindos, mas faz-nos belos porque nos ama*". O pai do qual estamos falando corre ao encontro do filho. Esta postura era escandalosa para a mentalidade semítica, pois o pai sempre devia ter uma postura solene e hierática. No fundo, era o filho que devia apresentar-se e prostrar-se diante do pai. O contrário, ou seja, que o pai se dirigisse ao filho e, como o diz a parábola, que o pai corresse ao encontro do filho e o abraçasse, seria inconcebível. A parábola coloca-nos, pois, diante de um pai que não tem medo de perder a própria dignidade e que, ao contrário, a põe em risco. Assim, a autoridade do pai não reside na distância que os separa, mas no amor irradiante que o Pai manifesta. Poderíamos definir esta quarta característica como *a coragem do amor* de Deus. É a coragem de desrespeitar as seguranças aparentes e de viver a verdadeira segurança: aquela do amor maior, do não-amor, sempre direccionada para o outro, superando, assim, as distâncias protectoras que nossa incapacidade de amar muitas vezes nos circundam.

**A quinta característica do Deus de Jesus** pode ser deduzida daquilo que o pai da parábola sente na chegada do filho: a alegria*.* Tudo o que ele faz é expressão da alegria: as roupas novas, o calçado, o anel, o novilho gordo; tudo se transforma numa festa excepcional. É a festa que se faz no céu por um único pecador arrependido, e não pelos noventa e nove justos que não têm necessidade de conversão. É a alegria de Deus! Um Deus que se sabe feliz, mas depois do sofrimento. Se em Deus existe uma nova alegria, também existe nele o mistério do sofrimento, que a precede e que trai as origens compassivas do amor visceral de pai. Tudo isso evidencia a última característica do Deus de Jesus, revelada através de tudo o que até aqui foi dito: **o** **mistério de seu s*ofrimento****.* O pai da parábola não representa um Deus impassível ou frio espectador dos sofrimentos do mundo, mas um Deus capaz de sofrer, por amor à sua criatura. Na narrativa, no verso 24 e repetida no verso 32, existe uma afirmação importantíssima que indica o motivo da alegria e da dor de Deus, assim expressa: "*Este meu filho estava morto e tornou à vida, estava perdido e foi encontrado*". O primeiro motivo da dor é que o filho "*estava morto*"; tinha se destruído a si mesmo. O segundo motivo - "*estava perdido*" – liga-se ao facto de que o filho se tinha distanciado do pai. Aqui, parece que Deus é o primeiro a sofrer, justamente porque sua criatura sofre. Em primeiro lugar não está, portanto, a dor de seu coração, mas a dor do outro: Deus sofre do sofrimento do amor. O Deus aristotélico, motor imóvel, não pode sofrer. Não é este o Deus bíblico; este sofre porque ama, porque se envolve com as vicissitudes humanas e, por amor às suas criaturas, aceita ser pobre. O Deus bíblico não permanece estranho à dor humana, nem se faz prisioneiro de um divino egoísmo, mas sabe participar da história do homem. Existe, pois, um mistério de sofrimento em Deus: um sofrimento activo, livre na generosidade do amor, que nada tem a ver com a dor passiva, sofrida pelo facto de não se poder evitá-la. Todo o poder que a parábola deixa entrever revela o mistério deste sofrimento amoroso, escondido nas profundezas do coração do Pai, o Deus de Jesus”.

Bruno Forte, *Seguindo a Ti, Luz da Vida*, 44-46

**Reflexão com os Pais no dia do Pai**

*(com encenação da parábola do Pai misericordioso)*

Um Pai e dois filhos. E não é a parábola de um filho bom e de outro mau. Bom é só o Pai. É a parábola do Pai misericordioso.

**1. Filho mais novo**

Ouvimo-la, como se fora a nossa própria história. A maioria de nós, é quase certo, ter-se-á fixado *na figura do filho mais novo*. O Filho pródigo. O filho que busca fora o que está dentro, que mendiga na cidade o que lhe sobra em casa, que rompe os laços do amor familiar, para se deixar atar ao nó cego da sua insatisfação. E que no vazio da sua fuga, cai em si. Ouvindo ao longe o eco da voz do Pai, na saudade da sua memória, pôs-se a caminho de casa, sem estar seguro da porta aberta. Desconfiando ainda da bondade infinita do Pai, apronta-se a confessar a sua rebelião e dispõe-se a ser tratado *como um dos seus trabalhadores.* Eis o filho, que perdera a cabeça, um penitente que timidamente volta à casa do Pai. Um filho que estava ainda longe de se converter ao amor do Pai.

**2. Filho mais velho**

Mas a parábola, se bem se lembram, vinha a propósito dos «*fariseus e escribas que murmuravam entre si, dizendo: este homem acolhe os pecadores e come com eles*». É o olhar distante, frio e sombrio do filho mais velho. Um estranho dentro de casa. Um coração de pedra. Um ressentido, que cumpre a lei, mas não conhece a alegria; tão de pé nas suas virtudes, não se dobra à miséria de ninguém. Figura pouco simpática cuja pele nos custaria vestir. Mas não raro, é este filho mais velho quem melhor, na vida, representamos, na impiedade do olhar com que julgamos, no azedume dos sentimentos com que nos relacionamos, na mesquinhez com que apontamos e exigimos dos outros. E, sobretudo quando, em nome de Deus, julgamos sem misericórdia e excluímos sem compaixão. Eis um filho impenitente, que, cheio razão, perdera o coração e fugira à festa. A conversão deste é a mais difícil.

**3. O Pai**

Por mim, deixai que vos diga. Já me revi muitas vezes na bela figura do filho pródigo e já me sentei, outras tantas, no lugar distante do filho mais velho. Agora descobri que esta parábola não nos quererá pintado em nenhum destes filhos, mas nos deseja convertidos na figura luminosa do Pai*. «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»!* Este é o apelo da parábola a todos: *converter-se na figura do Pai*. *Converter-se* *ao amor do Pai*.

#### 1. A humildade e liberdade do Pai: Não usa a autoridade para forçar à obediência. Retrai-se para que o filho exista na liberdade. Abre espaço para o Filho e não lhe opõe resistência.

#### 2. A esperança do Pai: O Pai permanece firme e fiel ao seu amor, na «expectativa» do regresso do Filho. Não desiste. Permanece à janela sem nunca perder do seu olhar a vida do Filho...Está à janela... E vê o Filho ao longe... O amor não muda com a mudança!

#### 3. Compaixão e ternura do Pai: o Pai ama o filho independentemente dos seus méritos, defeitos e feitio. Ama-o porque é Pai e tem coração de mãe... ama porque o gerou... Nada o faz deixar de amar, porque é Amor. Acolhe sem esperar nada, sem atender às motivações (interesseiras, ambíguas) do regresso.

#### 4. A coragem do Pai: Não teme perder «estatuto» ou «dignidade» ao esperar pelo regresso do filho. Abre os braços. Não cria distâncias, mas irradia amor. Na paternidade espiritual há um terrível vazio. Não há lugar para o poder ou para o êxito, para a fama, para a satisfação fácil. Mas esse mesmo vazio é o espaço da liberdade, onde não há nada a perder.

#### 5. A dor e a alegria do Pai. Não há misericórdia sem lágrimas. É doloroso o preço da liberdade. E custa ficar à espera. Esta liberdade manifesta-se na disposição de receber qualquer pessoa, a qualquer momento, em qualquer circunstância. O Pai que sofre é o Pai que ama. E sofre primeiramente porque vê o filho sofrer e sofre ainda no seu sofrimento. «*Estava morto e voltou à Vida; estava perdido e reencontrou-se*». Não é um Pai impassível, asséptico, frio... O Pai que sofre é o Pai que ama e se alegra pelo regresso d’Aquele que o faz sofrer. O Pai alegra-se porque vê o Filho readquirir a sua dignidade, reencontrar a sua Vida, pela força criadora do seu perdão...

#### 6. A generosidade do Pai: Há um desejo de se dar todo e de dar tudo. Generosidade é «gerar», fazer advir, aparecer, gerar outrem...

#### Reclamemos, para nós, hoje e diante dos nossos filhos, como única autoridade a compaixão, como único juízo a misericórdia, como única palavra o abraço largo e eterno do Pai, como única regra de vida a porta aberta. E não queirais outro papel. Ser pai e mais nada: oferecer aos outros a liberdade de partir e voltar, sem medo da ferida aberta da saudade. E dar sempre as boas vindas com os braços abertos da compaixão. E esperar pelo beijo doce da Paz, pela grande festa da reconciliação.

**Durante a entrega do Pai-Nosso**

«O Pai-Nosso é uma oração que nunca deixaremos de meditar e quando não soubermos rezar, basta repetir pouco a pouco, palavra por palavra, o Pai-Nosso.A estrutura fundamental desta oração comporta três momentos: o primeiro é como a base de uma nascente; o segundo é como um jorro que brota para o alto; o terceiro é o jorro que se espalha irrigando tudo à volta.1. A nascente exprime-se pela palavra «Pai», e, para quem reza, significa filiação. Se viver como filhos significa viver o baptismo, na oração nós vivemos no máximo o nosso baptismo.O espírito filial é a raiz de qualquer oração, é a atitude mais importante, porque a vida eterna é a manifestação de ser filho de Deus. Reparai que no Pai Nosso podemos repetir a palavra «Pai» a cada invocação: Pai, venha a nós o teu reino; Pai, seja feita a tua vontade; Pai, perdoa os nossos pecados; Pai, livra-nos das tentações.2. O segundo momento é constituído pelas invocações que jorram para o alto como um repuxo, que se dirigem a Deus na segunda pessoa: «Venha o teu reino, seja santificado o teu nome». No poder do Espírito Santo, a alma libertada do pecado, baptizada, eleva-se para o Pai.3. O terceiro momento é o derramamento sobre a terra desta água de nascente espiritual, deste jacto poderoso do Espírito Santo que nos impele para o alto. O derramamento sobre a terra, ou seja, sobre nós, que estamos famintos, que temos necessidade de perdão, que devemos perdoar-nos mutuamente, que somos tentados por sermos débeis e frágeis.A oração arrasta-nos para a verdade do nosso eu: Senhor, não permitais que eu caia em tentações. Tu vês como sou tentado, como estou cansado, aborrecido, indolente; liberta-me de tudo o que me impede de confiar em ti, de te contemplar e amar como Pai».

(CARLO MARIA MARTINI, *Dicionário Espiritual. Um Guia para a alma*, Gráfica de Coimbra, 124-125)

As crianças, como se sabe, gostam muito de falar dos seus pais. Acham‑nos perfeitos e omnipotentes.

«O meu pai é muito forte! Levou‑me aos ombros até ao cimo doma montanha altíssima!», dizia um menino aos seus amigos.

«O meu pai é muito importante ‑ dizia uma menina. To­dos o chamam para trabalhar e, às vezes, deve ir para muito longe, porque só ele é capaz de consertar certas máquinas».

«O meu pai é muito rico ‑ gabava‑se um terceiro. Com­prámos um carro novo que é o mais bonito lá da terra. E também o meu tio veio vê‑lo e disse que gostava muito dele, mas que ele não o podia comprar».

A quarta criança não sabia o que dizer e dava voltas à cabeça para encontrar algo de extraordinário que distin­guisse o seu pai; efectivamente, ela tinha um pai normal.

Por fim arriscou: «O meu pai é capaz de fazer feliz a mi­nha mãe. Até quando ela está zangada, até quando ela está doente, consegue sempre fazer com que ela sorria». E pareceu‑lhe que estava cheia de razão ao considerar o seu pai o melhor de todos.

As crianças, de facto, adivinham o que realmente conta para os seus pais, mesmo quando os pais não o dizem. E assim começam a fazer uma ideia daquilo por que vale a pena viver. Mas às vezes os pais erram e as crianças fi­cam decepcionadas.

Uma grande ajuda para compreender a vida dão‑na os pais que se deixam guiar pelo Espírito de Deus e, por con­seguinte, fazem as obras de Deus, como, por exemplo, quando se preocupam com a alegria um do outro. São pais que sabem dizer o Pai-Nosso.

1. Cf. GUY GILBERT (2015), *Perdoar as injúrias,* Ed. Paulinas: Prior Velho, pp. 45-47 [↑](#footnote-ref-1)
2. ROBERT RIBER, cit. por GUY GILBERT (2015), *Perdoar as injúrias,* Ed. Paulinas: Prior Velho, p. 48 [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. GUY GILBERT (2015), *Perdoar as injúrias*, Ed. Paulinas: Prior Velho, pp. 45-487 [↑](#footnote-ref-3)
4. ROBERT RIBER, cit. por GUY GILBERT (2015), *Perdoar as injúrias,* Ed. Paulinas: Prior Velho, p. 48 [↑](#footnote-ref-4)